

Sorteio de S. João

Era moda antigamente
Na cidade ou no sertão
Saber-se a sorte da gente
Com o auxílio de S. João

Tinham as moças solteiras
(Algumas, "brôças", no duro)
Cabalísticas maneiras
De adivinhar o futuro.

Era uma (à memória trago-a
Bem viva) a um canto, escondido
Colocar um copo d'agua
E, nele, um ovo partido.

Clara e gema, moite afora
De tal jeito se ajustavam
Que magua, ao nascer da aurora
O futuro devendavam

Uma espécie de escultura

Em tómo de jade e de

Mostrava a sorte futura.



- Só restava interpretá-la.

As vezes - um barco à vela;

Longas viagens, além mar...

Será ele? Será ela?

Ou ambos que irão viajar?

Ou então... (Repare, veja,

Bem claro, a torre, o sino...)

Saiá, do ovo, uma igreja.

Casamento era o destino

De outras vezes, a figura
Tinha forma de mulher.

- E' que existe outra creatura

A quem ele, o ingrato, quer.

Um automóvel. Então

- O rapaz é "do dinheiro"

Uma garrafa? Um vislãõ?

- E' malandro e servilino.

Mas da desgraça era o cumulo
Quando a gema à clara junta
Dava o desenho de um túmulo.
Morte? Sim. Nem se pergunta.

Tudo isso passou. E agora
Vemos nós com funda mágoa
Que pelo Brasil afóra
Já ninguém quebra ovos nágua.

Se as filhas querem a sorte
Descobrir em tais imagens
Vem o pai e ronca forte:
- Deixem vocês de bobagens!

Mal não é por ter quixotia
Pela crendice do povo
Que, hoje, o chefe de família
Proibe a tal sorte do ovo.

É verão the mesnhoço

- Procuram processo novo -

Quebrar ovos? Pelo preço

Por que estão, agora, os ovos?